

“Quem ri por último?”: reflexões acerca das (inter)relações entre humor e homofobia

Ronaldo Adriano Alves dos Santos¹

Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Universidade Estadual Paulista

Resumo: ao partirmos do entendimento da homofobia como um dispositivo altamente presente no mundo contemporâneo e que, portanto, é um componente nevrálgico na modulação e constituição das relações sociais e subjetivas, propomos reflexionar neste texto acerca de algumas das relações possíveis entre o humor e a homofobia, vez que imputamos ao humor o status de potente analisador do social por ser produzido a partir e concomitantemente colabora na produção das condições sociais, históricas e culturais, podendo dialeticamente ser parceiro no reforço ou na resistências das diversas dimensões humanas, a da homofobia inclusa. Para tal, analisaremos brevemente exemplos de um humor acrítico e homofóbico e, por outro lado, a possibilidade de um humor crítico e combativo a homofobia.

Palavras-chave: homofobia; humor; dispositivo.

¹ Doutorando no Programa Psicologia e Sociedade da UNESP. Mestre em Psicologia e Sociedade pela UNESP. Pós-graduado em Filosofia Política e do Direito, pela UNIOESTE. Graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná Campus Toledo. É docente do Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

“Who laughs last?”: reflections regarding interrelations between humour and homofobia

Abstract: understanding that homophobia is a highly present in contemporary world dispositivo, therefore it is comprehended as an important component on regulating and constituting social and subjectify relations, we intend reflecting regarding some possible links between humour and homophobia, since we consider humour as one potent social analyser for being produced from and concomitantly it collaborates on producing social, historical and cultural conditions, so humour can dialectically be partner on reinforcing or resisting of several human dimensions, including homophobia. To do achieve that, we will briefly analyse examples of acritical and homophobic humour and on the other hand the possibility of a critical and combative humour against homophobia.

Keywords: homophobia; humour; device.

“¿Quién ríe el último?”: reflexiones sobre las (inter)relaciones entre humor y homofobia

Resumen: a partir de la comprensión de la homofobia como un dispositivo muy presente en el mundo contemporáneo y que, por tanto, es un componente neurálgico en la modulación y constitución de las relaciones sociales y subjetivas, nos proponemos reflexionar en este texto sobre algunas de las posibles relaciones entre el humor y la homofobia, ya que atribuimos al humor el estatus de un poderoso analizador social porque se produce a partir de las condiciones sociales, históricas y culturales y colabora concomitantemente en ellas, pudiendo dialécticamente ser un socio en el reforzamiento o la resistencia de las mismas. diversas dimensiones humanas, incluida la homofobia. Para ello, analizaremos brevemente ejemplos de un humor acrítico y homofóbico y, por otro lado, la posibilidad de un humor crítico y combativo homofóbico.

Palabras clave: homofobia; humor; dispositivo

Iniciamos essa discussão tomando como ponto de partida a pressuposição de que a homofobia é um fenômeno social que se encontra diluído e funcionando de maneira estrutural e estruturante em todo o tecido social. Da mesma forma percebemos que o humor também se instala e constitui essa malha de (inter)relações sociais (LIPOVETSKY, 2005). Tomando essa diluição e propagação (constitutiva do social) comum a esses dois fenômenos, pretendemos, ao longo deste texto, esboçar algumas reflexões acerca dos modos por meio dos quais o humor pode funcionar como engrenagem e ferramenta do dispositivo homofóbico, bem como estratégia de fratura e fissura desse mesmo dispositivo.

Pensamos essa articulação, pois compreendemos como inegável a potência e o funcionamento ético-político do humor, ou dos discursos e práticas humorísticas. Nesse sentido, tal como discutido por diversos e diversas autoras (BILLIG, 2005; GRUDA, 2017; LOCKYER e PICKERING, 2005), o humor é dialético, podendo servir como força a ação conservadora, reacionária e mantenedora do *status quo* e, ao mesmo tempo, atuar como força e mobilização crítica, revolucionária e transformadora. Destarte, não caberia produzirmos juízos de valor apriorísticos e moralizantes que aloquem o humor nessa ou naquela antípoda de um suposto *ethos* humorístico. Entretanto, a impossibilidade desse *a priori* não invalida nem interdita as interpelações críticas e até contenciosas de discursos e práticas humorísticas, cada vez mais comuns e, por que não necessárias, na contemporaneidade.

Vale destacar também que não tratamos apenas do humor enquanto aquele conjunto de discursos e práticas que fazem rir ou que são construídos com essa intenção, até porque, como reflexionam Gruda (2017) e Palmer (1994), o que fundamentalmente caracteriza o humor é a mistura entre o senso e *nonsense*, não a capacidade produzir riso, mas de todas aquelas operações que lançam mão do código humorístico que mina a pretensão ao sentido, destitui os conteúdos: no lugar da transmissão ideológica temos o enfraquecimento humorístico, a reabsorção do polo referencial. A glorificação do sentido foi substituída por uma depreciação lúdica, uma lógica do inverossímil (LIPOVETSKY, 2005: 123).

Por meio desse código poderíamos pensar que, na sociedade contemporânea, há uma dissolução das antes nítidas e precisas fronteiras que estabeleciam os limites entre o que era lido como algo sério e aquilo que não demandava seriedade, entre a cerimônia e comicidade (LIPOVETSKY, 2005), o que também pode ser observado na erosão das delimitações entre outros campos e dimensões (HARVEY, 1992). Nesse sentido, nos propomos a pensar sobre maneiras que essa diluição de fronteiras pode associar-se também à transmissão e trânsito de discursos e práticas violentas direcionadas de modo geral às minorias sexuais, étnico-raciais e sociais.

ALVES DOS SANTOS, Ronaldo Adriano.
“Quem ri por último?”

Nos é importante explicitar que, ao focalizarmos a discussão da relação do humor com a homofobia, estamos entendendo essa última como categoria política, conceitual e analítica (BORRILLO, 2010). Um conceito que possibilita, mesmo que de forma imperfeita, traduzir diferentes manifestações de violência, opressão e subalternização às quais estão sujeitas, direta ou indiretamente, a totalidade das pessoas e especialmente a população LGBTI e todos e todas aqueles e aquelas que não se adequam à norma linear heteronormativa²: fêmea/feminina/mulher/heterossexual ou macho/masculino/homem/heterossexual (TOLEDO e TEIXEIRA FILHO, 2013).

Porém, apesar de considerar a importância política desse conceito “guarda-chuva” (TEIXEIRA FILHO, 2012), é fundamental refletirmos, discutirmos e visibilizarmos as especificidades e peculiaridades das experiências de vitimização às quais estão submetidas as pessoas LGBTI em decorrência de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero. A I Conferência Nacional LGBTI, ocorrida entre os dias 5 e 8 de junho de 2008, asseverou a necessidade de discutirmos as especificidades da lesbofobia, transfobia, travestifobia, entre as quais podemos incluir também a bifobia. Desse modo, e reconhecendo o caráter delimitado da produção acadêmica e multifacetado desses fenômenos, esclarecemos que ao abordarmos a homofobia, suas manifestações e experiências, não pretendemos totalizar, generalizar ou subsumir a realidade vivenciada, tanto intra quanto entre, por cada um desses grupos específicos.

Breves considerações sobre a homofobia

A partir de nossas ponderações iniciais, entendemos que o ódio homofóbico se constitui como um conjunto de discursos e práticas que surgem, se desenvolvem e se multiplicam nas relações cotidianas. Através de sua repetição, as práticas e discursos produzem realidades, culturas e subjetividades (TRAVERSO-YÉPEZ, 1999) e estabelecem valores que criam o alvo da homofobia e não o contrário (SÁEZ e CARRASCOSA, 2016). Em outros termos, os discursos e as práticas sociais comumente localizam a pessoa LGBTI e sua forma de ser e estar no mundo como a “origem” das ações homofóbicas. Entretanto, Sáez e Carrascosa (2016) nos alertam para o fato de que essa localização comum funciona como um velamento ideológico, o qual oculta a função e o funcionamento estrutural e estruturante da homofobia nas e das relações sociais. Assim, podemos vislumbrar que os “alvos-vítimas” dos discursos e práticas humorísticas homofóbicas não se constituem de maneira apriorística, antes disso, são fabricados pelo próprio dispositivo homofóbico e postos em circulação através do emprego do código humorístico.

Pontuemos que, neste nosso encadear de ideias e perspectivas, os processos de produção e reprodução humorística da homofobia afetam todas as pessoas, não estando necessariamente atreladas ao tipo de relação afetiva, prática sexual e/ou identidade de gênero de cada um/uma. A homofobia margeia e delimita as formas pelas quais nos relacionamos social, política, afetiva e sexualmente, condicionando e determinando nossas performances de gêneros (BUTLER, 2017) e as performances e práticas hetero, homo (gay e lésbica) e bissexuais. É por meio

² Podemos compreender a heteronormatividade como “um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto. Assim, ela não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normalizados, mas é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e ‘natural’ da cisheterossexualidade” (MISKOLCI, 2009: 156-7).

dessas delimitações, determinações e condicionamentos que a homofobia funciona como um “dispositivo de controle” (TEIXEIRA FILHO, 2011: 42)³.

Um dispositivo polimórfico que articula e formata uma rede de discursos (religiosos, legais, científicos, políticos, humorísticos, dentre outros) e práticas que visam produzir, manter e garantir uma série de percepções e relações negativas, homogeneizadas e estereotipadas das homossexualidades. A homofobia busca então disciplinar, normalizar e categorizar nossas formas de ser e estar no mundo como “normais” ou “patológicas” e produzir, dessa maneira, a internalização da própria homofobia (BORRILLO, 2010; NASCIMENTO e TEIXEIRA FILHO, 2010).

Passemos a relacionar diretamente a homofobia com o discurso humorístico, recorrendo a alguns exemplos para tal e que serão analisados e entendidos como metonímicos daquilo que estamos reflexionando e discorrendo sobre.

Humor acrítico e reacionário parceiro da homofobia

Percebemos a possibilidade do uso do código humorístico, posicionada em uma modalidade acrítica e reacionária de humor (GRUDA, 2017), como engrenagem do dispositivo homofóbico quando este não toma apenas as pessoas LGBTI como alvo e vítima da piada. Analisemos uma recente capa (publicada no dia 19 de junho de 2020) do caderno Ilustrada do jornal *Folha de São Paulo*.

Imagen 1 – Capa do caderno Ilustrada da Folha de São Paulo. Fonte: Folha de São Paulo (19/06/2020)



³ Adotamos neste trabalho o conceito foucaultiano de dispositivo que é definido pelo autor como “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. Em segundo lugar, gostaria de demarcar a natureza da relação que pode existir entre estes elementos heterogêneos. [...] em suma, entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções que também podem ser muito diferentes. Em terceiro lugar, entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante” (FOUCAULT, 1979: 244). Também contribuiu para o entendimento desse conceito as discussões de Agamben (2005: 13) que pensa o dispositivo como “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes”. São justamente esses modos de conceituar o dispositivo que concordar com Teixeira Filho (2011) quando esse apresenta a homofobia enquanto um “dispositivo de controle”.

ALVES DOS SANTOS, Ronaldo Adriano.
“Quem ri por último?”

A capa apresenta e retrata Mário Frias, à época da publicação, novo secretário da cultura (aqui o uso de letras minúsculas não é um erro de grafia, vale dizer) do governo Bolsonaro, debruço, seminu, com a região do cóccix amostra e com os dizeres: “o novo homem do presidente”. A peça dá indícios fortes de ter por objetivo estabelecer uma crítica a nomeação do novo responsável pela pasta da cultura. Ela tem como alvos dois homens lidos como heterossexuais, o secretário e o presidente da República. Contudo, o núcleo humorístico da referida capa reside justamente na insinuação sexual produzida pela conjunção texto e imagem de uma possível relação entre os dois personagens-alvo da peça.

Em que pese as críticas ao citado governo no que tange ao descaso em relação à Cultura (aqui sim escrita com letra maiúscula), esta insinuação sexual jocosa se ancora em uma estrutura homofóbica, uma vez que recorre ao sexo entre homens como estratégia de deslegitimização, menosprezo, demérito e desqualificação. A referida publicação que poderia demonstrar a inadequação ou a não qualificação do novo secretário ao apresentar um perfil da carreira e produção dele como parâmetro e medida, preferiu direcionar-se a insinuações acerca da sexualidade do novo secretário da cultura. Deste modo, a capa em questão evidencia a integração da forma humorística ao dispositivo da homofobia por meio da apropriação cômica das percepções e relações negativas, homogeneizadas e estereotipadas das homossexualidades direcionando-as ao governo e integrantes deste.

A homofobia também aparece, por meio do emprego do código humorístico e respaldada em um humor de cunho acrítico e reacionário, nas relações e interações cotidianas. Inúmeras são as frases, piadas e/ou pretensas brincadeiras que utilizam a lógica do humor e por meio dela veiculam e transmitem a homofobia sem necessariamente colocar como alvo direto uma pessoa LGBTI. Vemos isso, como exemplos concretos, no uso de uma simples onomatopeia (“huummmm”), em gestos, expressões faciais/corporais/verbais (“uma viadagem”; “coisa de viado”; “tá sensível”) e maneirismos que ironizam e questionam a masculinidade ou virilidade de um homem. Formas que sob o manto de serem entendidas como meramente expressões bem-humoradas velam o regime autoritário e violento das cisheterossexualidades. Regime que deixa a cabo das LGBTfobias, do machismo e da misoginia exercerem a função de polícia e guardiãs das cisheterossexualidades, tomadas como estas sim sexualidades normais, naturais e boas.

Seguindo esse encadeamento de ideias, percebemos que a homofobia conforma um verdadeiro “dispositivo de vigilância das fronteiras de gênero” (BORRILLO, 2010: 8). Welzer-Lang (2001: 465) colabora com essa ideia ao considerar a homofobia como “discriminação contra as pessoas que mostram, ou a quem se atribui, algumas qualidades (ou defeitos) atribuídos ao outro gênero. A homofobia engessa as fronteiras do gênero”. Processo que fica evidenciado na forma como foi produzida a capa da Ilustrada que apresentamos, ao haver sugestão de uma conotação sexual na relação entre o novo secretário da cultura e o presidente da República e nessas (inter)relações cotidianas que estabelecem limites entre condutas, comportamentos, gestos, dizeres e fazeres lidos como pertencentes exclusivamente a um ou outro gênero.

Além desse uso cotidiano da homofobia e estratégia de deslegitimização política via humor homofóbico, é igualmente notável o uso do código humorístico de maneira homofóbica na produção de esquetes e cenas de shows e programas televisivos e de humor, filmes, séries, novelas e outros produtos da chamada indústria cultural. Nestas ainda infelizmente é comum a produção, reprodução e veiculação de discursos homofóbicos, por exemplo, na criação de personagens e/ou núcleos que retratam de maneira estereotipada, caricata e risível pessoas LGBTI.

Construções que, às custas de um suposto alívio cômico, ocultam e invisibilizam o cotidiano e a vida concreta das pessoas LGBTI e, não raras as vezes, funcionam como mais uma estratégia de desumanização paródica caricatural interseccional com outros marcadores sociais da diferença, tais como: raça, identidade e expressão de gênero, compleição física, classe, dentre outros. Nesta perspectiva, vemos frequentemente a representação da “a bicha pobre”, “a travesti preta”, “a lésbica masculina”, “a bicha afeminada”, “o bissexual indeciso”, “a trans que ‘nem parece’”, dentre outros estereótipos.

Aliás e neste momento, vale comentarmos acerca de uma das justificativas frequentemente evocada para descrever das críticas direcionadas a tais construções e práticas humorísticas, qual seja: a expressão “é só uma piada”. De saída, tal ideia é problemática, vez que qualquer manifestação discursiva, humorística inclusa, está vinculada ao contexto social/histórico/cultural (POSSENTI, 2010).

Além disso, o argumento “isto é só uma piada”, como diz Lockyer (2010: 134), “can be used as a rhetorical strategy to curtain serious critical debate about the political implications of, and ethical limits to comedy”, o que implica em que: “this rhetorical strategy becomes particularly significant politically if it is used as a defence for the repeated and routine mocking of specific class groups”. Segundo a compreensão de Lockyer quanto à afirmação de que zombarias (classificadas por seus propagadores como sendo politicamente incorretas ou não) não passariam de meras piadas, o que se trata de um recurso retórico em prol de amparar a reafirmação dos preconceitos instalados há tempos no corpo social, podemos refletir, conjuntamente com a autora, que este tipo de estratégia engessa qualquer tipo de discussão ou questionamento acerca do que está sendo asseverado comicamente. Como se a frase “foi só uma piada” purificasse o conteúdo e a intenção expressa ao posicionar que o que é vinculado através do discurso humorístico não pode e nem deve ser levado em consideração seriamente (GRUDA, 2017: 156).

Esta estratégia busca produzir um senso de descontração que visa suplantar quaisquer percepções ou indicações que reconheçam nesses discursos e práticas a veiculação de preconceitos e discriminação. Uma estratégia, não necessariamente consciente e deliberada, que ainda funciona muito bem e que é atestada nas dificuldades e no incomodo de pessoas LGBTI em reagir a esses discursos e práticas cotidianos, informais, indiretos. Uma dificuldade as vezes maior do que aquela encarada frente a interpelações nítida e diretamente homofóbicas, sem filtros e sem as máscaras do humor (POMPEU e SOUZA, 2019).

A homofobia se alinha também ao machismo, à misoginia, à xenofobia, ao racismo, ao antisemitismo e aos preconceitos relativos à classe social, compleição física, entre outros (ERIBON e HABOURY, 2003). Esse alinhamento ocorre, pois “à semelhança do negro, do judeu ou de qualquer estrangeiro, o homossexual é sempre o *outro*, o diferente, aquele com quem é impensável qualquer identificação” (BORRILLO, 2010: 14, grifo nosso). Tal impossibilidade de identificação condena as homossexualidades, bem como as outras expressões e performances das sexualidades e gêneros, à clandestinidade. Essa clandestinidade experimentada pelas homossexualidades se configura como um território sem-lugar, pois “acreditamos que a pessoa que experiencia a homossexualidade deva ela mesma, se sentir uma ‘estranha’ nos espaços de socialização que circula. Não por questões específicas de sua pessoa, mas por conta da não aceitação social da homossexualidade” (TEIXEIRA FILHO, 2012: 97).

Tais experiências cotidianas, assim como as discussões apresentadas e contextualizadas contemporaneamente, não nos possibilitam concordar com a seguinte afirmação de Lipovetsky (2005: 119):

enquanto se espiritualiza, o cômico poupa prudentemente o outro: deve-se fazer notar essa atitude socialmente nova que consiste em reprovar o riso à custa dos outros. O outro deixa de ser o alvo privilegiado dos sarcasmos, a gente ri muito menos dos vícios e defeitos alheios; [...] seus infortúnios [...] e seu afastamento em relação à norma.

Pelo menos ao tomarmos o contexto brasileiro contemporâneo no que tange a homofobia, esta prossegue reproduzindo e recolocando diuturnamente a população LGBTI como um dos *outros* do e para o humor (salientando que a nossa macro ordem vigente igualmente inclui a população preta, gorda, feminina, pobre nestas mesmas condições de *outro* escrachado e subjugado). Dizemos isso, pois nestes termos e aspectos, a produção humorística majoritariamente serve ao dispositivo homofóbico justamente ao identificar as pessoas LGBTI como um desses *outros* que se afastam da (cishetero)norma.

O processo de uso do humorístico para fins homofóbicos, deste modo, serve ao jogo de controle e disciplinarização dos corpos, uma vez que funciona como um dos grandes mecanismos de projeção pelo qual todos os impulsos e desejos homoeróticos são lançados em um *outro*, em um grupo minoritário, como forma de proteção contra os indizíveis, impensáveis e incontroláveis fluxos de desejo que podem e acometem a todos e todas.

A possibilidade de projetar tal experiência no *outro* protege o cisheterossexual e a comunidade cisheterosexual como um todo que, por meio dessa estratégia humorística – e de tantas outras –, se mantém coesa por encontrar nesse *outro* (LGBTIs, no caso) a possibilidade de descarregar suas frustrações e afetos negativos (BORRILLO, 2010). Tanto que vemos ser rotineiro que as interpelações humorísticas-homofóbicas ocorram justamente quando os agressores e agressoras estão em grupos e coletivamente riem e se regozijam de seu ataque. Como afirmam Sáez e Carrascosa (2016: 90), “o medo da própria homossexualidade leva o homem a um temor paranoico de vê-la aparecer ao seu redor”. Uma forma de lidar com tais temores e esconjurá-los esse medo é projetá-lo para fora, para outro, mesmo que em forma de piada e/ou riso:

não é mais a exclusão, a relegação que comanda o nosso relacionamento com o Outro; a sociedade pós-moderna é gulosa demais por novidades para rejeitar seja lá o que for. Ao contrário, nós acolhemos tudo, exumamos e fagocitamos tudo, porém ao preço da zombaria desenvolta do Outro. (LIPOVETSKY, 2005: 127)

A fórmula humorística nesse caso repete basicamente o mesmo roteiro da construção de um outro com o qual não é possível identificação, um outro que sustenta a afirmação do espectador, do emissor e do próprio discurso como pertencentes exemplares da (cishetero) norma. Nesse sentido, Teixeira Filho (2012) afirma que a homofobia funciona como um mecanismo de defesa social e subjetiva que tem por finalidade a manutenção do *status* normativo, normalizado e naturalizado das cisheterossexualidades. Assim, o humor homofóbico funciona como escudo a toda e qualquer situação e/ou experiência que possa produzir uma desestabilização das identidades e experiências cisheterossexuais.

Este processo de normalização e naturalização da cisheterossexualidade e esconjuração satírica e “bem-humorada” das *outras* possibilidades de expressão e experiência das sexualidades, além da função mantenedora da ordem social heterossexual, também funciona como um regime econômico tanto em nível psíquico, quanto em nível social.

En efecto, la sociedad heterosexual está fundada sobre la necesidad del otro/diferente en todos los niveles. No puede funcionar sin este concepto ni económica, ni simbólica, ni lingüística, ni políticamente. Esta necesidad del otro/diferente es una necesidad ontológica [...]. Ahora bien, ¿qué es el otro/diferente sino el dominado? Porque la sociedad heterosexual no es la sociedad que opprime solamente a las lesbianas y a los gays, opprime a muchos otros/diferentes, opprime a todas las mujeres y a numerosas categorías de hombres, a todos los que están en la situación de dominados. Porque constituir una diferencia y controlarla es “un acto de poder ya que es un acto esencialmente normativo. Cada cual intenta presentar al otro como diferente. Pero no todo el mundo lo consigue. Hay que ser socialmente dominante para lograrlo”. (WITTIG, 2006: 52)

Assim, ao banalizar, satirizar, subalternizar e desumanizar as vivências e experiências dos dissidentes das cisheterossexualidade, a homofobia, através de certos discursos e práticas humorísticas, se configura como uma manifestação da violência e um meio ideológico, este naquele sentido de ocultação da realidade (ŽIŽEK, 1996). É por meio da compulsoriedade das cisheterossexualidades que são produzidos social e historicamente determinados padrões relacionais, os quais viabilizam de modo mais eficaz as estratégias de controle social. Padrões relacionais violentos e disciplinadores que não seriam possíveis em uma sociedade edificada sob a égide do respeito e defesa das diferenças e diversidades (CANIATO, 2008).

Frente ao que estamos expondo, podemos reflexionar que o uso do humor como engrenagem do dispositivo homofóbico funciona muito bem, pois o:

fenômeno humorístico nada fica a dever a qualquer voga efêmera. É de modo durável e constitutivo que a nossas sociedades se instituem de maneira humorística: pela descontração das mensagens que engendra, o código humorístico de fato faz parte do vasto dispositivo polimorfo que, em todas as esferas, tende a abrandar ou personalizar as estruturas rígidas e impositivas. Em lugar de injunções coercitivas, da distância hierárquica e da austeridade ideológica estão a proximidade e descontração humorísticas, que resumem a linguagem própria de uma sociedade flexível e aberta. (LIPOVETSKY, 2005: 129)

Por meio desse “abrandamento das estruturas rígidas e impositivas” da cisheteronormatividade, o funcionamento humorístico torna mais palatável as estratégias disciplinadoras de controle social, propagação e transmissão de violências, preconceitos e discriminação. Assim, o humor ou, principal e especialmente, o uso do seu código pelo dispositivo homofóbico funciona como estratégia e operação do poder. Todavia, como bem nos lembra Foucault (2017: 104): “lá onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo), esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder”. Fazemos esse destaque, pois, também assistimos, contemporaneamente, um processo de apropriação militante do código humorístico por parte dos movimentos sociais, nos quais inclui-se o movimento LGBTI. Nesse sentido, somos levados a concordar com Lipovetsky (2005: 138) quando o autor afirma que:

Em particular nos novos movimentos sociais, assistimos a uma vontade mais ou menos acentuada de personalizar as modalidades do combate, de “arejar” o militarismo, de deixar de separar completamente a política da existência, com vista a uma experiência mais global, reivindicativa, comunitária, ocasionalmente “divertida”. Levar os problemas a sério e lutar, está bem; mas não perder o sentido do humor; a austeridade militante já não se impõe com a necessidade de outrora, a descontração dos costumes hedonistas e psicólogas imiscui-se até na ordem das ações sociais que nem por isso excluem algumas vezes confrontos duros.

ALVES DOS SANTOS, Ronaldo Adriano.
“Quem ri por último?”

Humor crítico e possibilidades de resistências à homofobia

Como afiançamos na parte introdutória desse texto, o humor é dialético, assim sendo, é possível notarmos que essa apropriação crítica e combativa do código humorístico por parte dos movimentos sociais funciona estrategicamente como uma ferramenta de resistência e luta, já que “para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder. Tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele. Que, como ele, venha de ‘baixo’ e se distribua estrategicamente” (FOUCAULT, 1979: 241). Destarte, há igualmente a utilização do humor como um mecanismo profícuo de reflexão e de luta visando a superação da homofobia. Inúmeras são as campanhas de conscientização que lançam mão do código humorístico como mecanismo de veiculação de suas mensagens. Também tem crescido (ou sendo mais visibilizados) o número de artistas do humor que utilizam seus espaços e produções artísticas para também viabilizar o rompimento com a estereotipia em relação à população LGBTI.

Uma das formas mais corriqueiras de se depreciar pessoas lidas como LGBTI, especialmente cis-homens gays, é representá-los como afeminados ou com trejeitos femininos e denominá-los como “alegres”. Uma adjetivação que, muito antes de apresentar uma característica pessoal, refere-se a uma determinada e suposta vivência da sexualidade: a atração sexual por pessoas do mesmo sexo. Um processo histórico de localização e depreciação que é assumido por esses homens, os quais se relacionavam e se relacionam afetiva e sexualmente com outros homens, como uma identidade e bandeira a partir da qual foi possível se organizar enquanto um movimento coletivo, qual seja: o movimento gay.

Dizemos isso, pois é preciso recordar que a palavra *gay*, de origem inglesa, etimologicamente não se referia às pessoas que se relacionavam afetiva e sexualmente com pessoas do mesmo sexo. Antes disso, o termo fazia referência pura e simplesmente a um estado de humor “alegre”, “exuberantemente alegre” e “jovial” (JAGOSE, 1996). A apropriação dessa palavra e sua ressignificação surgiu como uma alternativa ao uso do termo homossexual, nomenclatura biomedicalizante que remetia e ainda remete a uma perspectiva patologizante dessas existências.

Este processo de invasão e captura da linguagem por meio de sua ressignificação é um exemplo de como a lógica e código humorístico também podem funcionar como resistência, uma vez que brincar com as palavras, tomá-las pelo avesso e fazer com que signifiquem outra coisa é eminentemente humorístico. Aqui o humor opera na apropriação da palavra de zombaria, positivando-a e convertendo-a em bandeira e estratégia de luta. Inclusive, movimento análogo ocorre em relação a outras palavras, tais como: *queer, bicha, sapatão*.

E se falamos dessa trama histórica é por percebermos que a produção dessas formas de resistência, as quais buscam apresentar tais formas de vida e realidades sociais e subjetivas sob o ponto de vista de quem as vivencia, emergem concomitantemente ao interesse do discurso médico e acadêmico em classificar, nomear, normatizar, disciplinar e controlar. Emergem, deste modo, do desejo de resistir a essa forma estandardizada de representação. Desejo que Foucault (1979: 234) sintetiza de forma inequívoca: “está certo, nós somos o que vocês dizem, por natureza, perversão ou doença, como quiserem. E, se somos assim, vejamos assim e se vocês quiserem saber o que somos, nós mesmos diremos, melhor que vocês”.

Assim, o código humorístico também é utilizado na resistência e na luta e se constroem campanhas escoradas no discurso do humor que produzem certa desestabilização do *status quo* e, consequentemente, algum nível de mobilidade reflexiva sobre a vivência e experiência das pessoas LGBTI. Analisemos e acompanhemos o exemplo a seguir.

Imagen 2 – Campanha “Frequência Gay”. Fonte: Portal Mix Brasil (2015).



A imagem é um frame de ação promovida pelo *Portal Mix Brasil*, no ano de 2015. A ação utilizou uma estratégia largamente explorada por programas e/ou quadros de humor, as chamadas “pegadinhas” ou situações com “câmera escondida”. Toda a atividade se desenvolve dentro de um táxi, previamente preparado com diversas câmeras escondidas para gravar a reação das pessoas. Um ator desempenha o papel de taxista e roda pela cidade fazendo viagens com pessoas anônimas. Logo após os/as passageiros entrarem no carro, solicitarem o destino e a viagem se iniciar, se ouve o locutor no rádio do carro narrar a “descoberta científica” da “frequência gay”, uma suposta frequência sonora que só seria audível por pessoas homossexuais. Encerrada a enunciação da notícia, o locutor afirma que tocará uma música gravada na tal frequência sonora.

Quando a música se inicia, o ator/taxista diz que não está ouvindo som algum e questiona seus passageiros e passageiras se eles/elas escutam algo. O resultado é que algumas das pessoas riem, ficam constrangidas e outras também afirmam não estar ouvindo qualquer som. Após o término da música o locutor interpela os/as ouvintes: “ok, se você ouviu a música e ficou meio encanado, tá na hora de rever seus conceitos de sociedade. É claro que não existe uma frequência gay, somos todos iguais. E já tá mais do que na hora de todo mundo entender isso”. E, subsequentemente, pede para que as pessoas acessem o portal Mix Brasil e apoiem a luta por direitos iguais para comunidade LGBTI.

O uso do código humorístico na campanha não se faz apenas por meio do uso da fórmula “pegadinho/câmera escondida”. Além do formato empregado, a ação se passa dentro de um táxi, modalidade de transporte geralmente associada e identificada, em diversas narrativas, como espaço onde é comum ouvirmos comentários preconceituosos e, não raras as vezes, discriminatórios (tal como aquele gravado pela atriz Samantha Schmütz e publicado no perfil dela na rede social Instagram⁴). O fato de se utilizar um espaço potencialmente tenso para

ALVES DOS SANTOS, Ronaldo Adriano.
“Quem ri por último?”

⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=j5zLS98Zptw>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

abordar uma temática delicada como a homofobia já carrega em si um enredo tragicômico.

Além disso, a fala do locutor remete à descoberta da suposta “frequência gay” a um “grupo de pesquisadores de Cambridge”, recurso que, ao elevar a suposição ao status científico, remetendo a uma prestigiada universidade estrangeira, produz simultaneamente um efeito de verossimilhança e pretensa confiabilidade na informação e, ao mesmo tempo, brinca e ironiza o papel histórico da ciência em produzir artificialmente tipo humanos e a verdade sobre os sujeitos (FOUCAULT, 2017). Ademais de acionar o bovarismo tupiniquim em seu “complexo de vira-lata”, o qual identifica que tudo que é produzido no exterior como válido e superior ao criado em terras brasileiras.

O cenário se soma ao roteiro e a interpretação do ator/taxista, o que produz o desnudamento do desconforto e do constrangimento que corriqueiramente apresentamos ao tratar das homossexualidades e da própria homofobia. Os risos constrangidos, contidos ou escancarados que aparecem durante e, mais explicitamente, no final do vídeo, podem funcionar como um dos índices e indícios desse processo. E, assim, poderíamos dizer que o efeito cômico e o desfecho humorístico da campanha não residem tão-somente na fórmula e conteúdo (roteiro e atuação) empregados, mas igualmente no próprio ato de defrontar-se com o absurdo da homofobia, do preconceito e da discriminação que atravessam a experiência, o cotidiano e vida de cada um de nós.

Considerações finais

A título de considerações finais, mas, evidentemente, sem esgotar as possíveis reflexões e conexões que podem e devem ser tecidas envolvendo as temáticas que nos debruçamos, indicamos, com os exemplos e discussões que travamos ao longo deste texto, a busca em apresentar alguns modos por meio dos quais podemos perceber possíveis (inter) ações e intersecções entre o humor e o dispositivo homofóbico. Pudemos notar e discorrer sobre: como o dispositivo homofóbico pode se utilizar do humor como ferramenta de transmissão e veiculação de práticas sociais e discursivas violentas e que favorecem a manutenção e guarda das “fronteiras de gênero”; como o código humorístico pode fazer uso da homofobia enquanto ferramenta ou estratégia de ataque desqualificante a um indivíduo ou conjunto de indivíduos (não necessariamente LGBTI); e, também, como, pelo caráter plástico e, sobretudo, dialético do humor, este pode funcionar como estratégia e ferramenta de crítica em favor da luta em prol da superação da própria homofobia.

Diante disso tudo, o humor, apesar de não ser neutro e/ou imparcial, não pode ser pensado a partir de um viés moralizante que pressupõe um dever ser humorístico. Entretanto, como toda prática social e discursiva, o humor pode e deve ser interpelado a partir de seu funcionamento, implicações, impactos e usos ético-políticos. Dizemos isso, pois acreditamos que a construção de uma sociedade justa, igualitária e democrática só se fará possível, dentre outras transformações, por meio da garantia de direitos e da responsabilização legal por práticas e discursos que violem os direitos, as liberdades e a dignidade das pessoas.

Recebido em 19 de julho de 2023.
Aprovado em 29 de novembro de 2024.

Referências

- AGAMBEN, G. O que é um dispositivo? *Outra travessia*, 5: 9-16, 2005.
- ARANTES, P. *O Riso dos outros*. Direção: Pedro Arantes. Produção: Angelo Ravazi e Ricardo Monastier. São Paulo: Massa Real. Documentário online (51 min37seg), 2012.
- BILLIG, M. *Laughter and ridicule: towards a social critique of humour*. London: SAGE Publications, 2005.
- BORRILLO, D. *Homofobia: História e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CANIATO, A. M. P. Violências e subjetividades: o indivíduo contemporâneo. *Psicologia e Sociedade*, 20 (1), 16-32, 2008.
- ERIBON, D. ; HABOURY, F. *Dictionnaire des Cultures Gay et Lesbienne*. Paris: Editions Larousse (à paraître), 2003.
- FOUCAULT, M. “Poder-corpo”. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. pp. 145-152.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- GRUDA, M. *O discurso do humor politicamente incorreto no mundo contemporâneo*. São Paulo: Cultura acadêmica, 2017.
- HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1992.
- ILUSTRADA. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 de junho de 2020.
- JAGOSE, A. *Queer theory: An introduction*. New York: New York University Press, 1996.
- LIPOVETSKY, G. “A sociedade humorística”. In: *A era do vazio*. Barueri: Manole, 2005. pp. 111-145.
- LOCKYER, S.; PICKERING, M. (orgs.). *Beyond a joke: the limits of humour*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.
- MADLENER, F.; DINIS, N. F. A homossexualidade e a perspectiva foucaultiana. *Revista do Departamento de Psicologia (UFF)*, 19 (1): 49-60, 2007.

- MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, 21: 150-182, 2009
- NASCIMENTO, M. A. N. do; TEIXEIRA FILHO, F. S. “Entre a margem e a linha: produção de subjetividades homonormativas e práticas sociais homofóbicas entre homossexuais masculinos”. In: COSTA, Horácio *et al.* (orgs.). *Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo: EdUSP/Imprensa Oficial, 2010. pp. 741-52.
- PALMER, Jerry. *Taking humour seriously*. London: Routledge, 1994
- POMPEU, S. L. E.; SOUZA, E. M. de. A discriminação homofóbica por meio do humor: naturalização e manutenção da heteronormatividade no contexto organizacional. *Organizações e Sociedade*, 26 (91), 645-664. 2020
- PORTAL MIX BRASIL. *Frequência Gay*. YouTube, 2015.
- POSSENTI, Sírio. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.
- SÁEZ, J.; CARRASCOSA, S. *Pelo cu: políticas anais*. Belo Horizonte: Letramento, 2016.
- TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. “Homofobia e sua relação com as práticas ‘psi’”. In: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA (CRP) 6a. Região (org.). *Psicologia e diversidade sexual (Cadernos Temáticos)*. São Paulo: CRPSP, 2011. pp. 41-57.
- TEIXEIRA FILHO, F. S. “A construção social das diferenças nas (homos)sexualidades e suas relações com a homofobia”. In: LEMOS DE SOUZA, Leonardo; GALINDO, Dolores; BERTOLINE, Vera (orgs.). *Gênero, corpo e @tivismos*. Cuiabá: EdUFMT, 2012. pp. 83-109.
- TOLEDO, L. G.; TEIXEIRA FILHO, F. S.. Homofobia familiar: abrindo o armário ‘entre quatro paredes’. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65: 376-391, 2013.
- TRAVERSO-YEPEZ, M. Os discursos e a dimensão simbólica: uma forma de abordagem à Psicologia Social. *Estudos de Psicologia*, 4 (1): 39-59, 1999.
- WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, 9 (2): 460-482, 2001.
- WITTIG, M. *El pensamiento heterosexual*. Barcelona: Editorial EGALES, 2006.
- ŽIŽEK, S. *Um mapa da Ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.